

O TERRORISMO ISLÂMICO E A POLÍTICA ESTADUNIDENSE DE REASSENTAMENTO DE REFUGIADOS SÍRIOS

Igor Henriques Sabino de Farias¹

Alexandre Cesar Cunha Leite²

Andrea Maria Calazans Pacheco Pacífico³

Considerações iniciais

Este artigo elabora uma reflexão a respeito da recusa estadunidense, entre 2016 e 2017, em reassentar refugiados sírios oriundos da Guerra Civil Síria, iniciada em 2011 e ainda em curso. Devido ao conflito, um grande número de sírios foi forçado a se deslocar, buscando refúgio em países vizinhos ou no Ocidente.

Nos EUA, no entanto, apesar da política nacional para refugiados, os sírios têm encontrado uma série de dificuldades para conseguir refúgio, em virtude de serem árabes e, em sua maioria, muçulmanos. Isso faz com que,

1 Mestre em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba – PPGRI/UEPB. E-mail: igorhsabino@hotmail.com.

2 Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Doutor em Ciências Sociais/Relações Internacionais (Sociologia, Política, Antropologia, linha de Pesquisa em Relações Internacionais) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Pós-doutorado em Ciência Política/Relações Internacionais. E-mail: alexcclite@gmail.com.

3 Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba – PPGRI/UEPB. Coordenadora do Núcleo de Estudos para Deslocados Ambientais (NEPDA). Doutora em Ciências Sociais/Sociologia pela PUC/SP. E-mail: apacifico@hotmail.com.

associados a uma condução estatal, grande parte da população estadunidense os percebe como uma ameaça à segurança nacional, tendo em vista os recentes atentados terroristas cometidos por radicais islâmicos no país. Logo, a importância da temática dá-se tanto pela sua contemporaneidade como por seu tratamento como uma questão de segurança, não apenas nacional, mas, sobretudo, humana.

Dessa forma, este texto ressalta o modo como a Guerra Civil Síria tem contribuído para a atual crise de refugiados e objetiva estabelecer uma análise parcial sobre as razões pelas quais grande parte da sociedade estadunidense e o Presidente Donald Trump são contra o reassentamento de refugiados sírios. Defende-se a hipótese de que os atentados terroristas perpetrados por radicais islâmicos nos EUA contribuíram para o aumento de preconceitos e generalizações acerca de árabes e muçulmanos e, por isso, os refugiados sírios seriam concebidos como prováveis ameaças à segurança nacional.

A fim de alcançar os objetivos citados, será analisada a convenção de Genebra de Refugiados (1951) para categorizar os sírios como refugiados e ressaltar as responsabilidades da comunidade internacional na sua proteção. Em seguida, será realizada revisão bibliográfica, corroborada por alguns dados secundários descritivos acerca da percepção da sociedade estadunidense sobre os refugiados sírios e muçulmanos.

Depois, será discutido como as construções sociais a que Edward Said chama de Orientalismo e as ideias de um “Choque de Civilizações”, formuladas por Samuel Huntington e Bernard Lewis, permeiam a sociedade estadunidense, sobretudo após os atentados terroristas do 11 de Setembro. Esses conceitos, portanto, são utilizados para explicar a associação dos refugiados sírios com o terrorismo islâmico, ainda que não haja fatos que comprovem essa associação.

A guerra civil síria e a atual crise de refugiados

As migrações são uma característica comum aos seres humanos, inclusive aos diversos povos que compõem o Oriente Médio. Um fato que antecede até mesmo a formação dos Estados e a delimitação das fronteiras nacionais tais quais se conhece hoje na região. Embora as causas dessas migrações variem, em sua maioria foram motivadas por conflitos e instabilidades políticas, principalmente durante os períodos de colonialismo e pós-colonialismo (Hanafi 2014, 444). Logo, na maior parte dos casos, foram migrações forçadas.

Essa é a atual situação dos cerca de 5,5 milhões de refugiados sírios,

que, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (AC-NUR), desde 2011 têm buscado refúgio em países como Líbano, Jordânia, Iraque e Turquia (UNHCR 2017, 6). Isso tem ocorrido principalmente em virtude da Guerra Civil Síria iniciada em março de 2011, após protestos contra o presidente sírio Bashar Al-Assad, como parte da onda de transformações políticas que atingiu diversos países do Oriente Médio e Norte da África no fim de 2010. Tal evento veio a ser conhecido como “Primavera Árabe”.

De acordo com Magalhães (2016), os protestos contra o presidente Assad iniciaram-se de forma pacífica, porém, desde o seu início, foram reprimidos com violações brutais de direitos humanos por parte do governo. A “Primavera Árabe”, portanto, não foi capaz de derrubar o governo sírio e, após um ano e meio de revoltas, em 2012, aproximadamente 31 mil sírios foram mortos, em sua maioria civis, como consequência dos conflitos entre forças do governo e grupos de oposição. Soma-se a isso um número de 320 mil refugiados, o que leva os acontecimentos na Síria a serem considerados uma guerra civil (Magalhães 2016, 101).

Mais de cinco anos após o início dos conflitos, em 2018, o presidente sírio ainda se mantém no poder e a estabilidade política parece ser algo cada mais difícil de ser alcançada. A situação piorou ainda mais em 2012, com o surgimento do grupo terrorista *Islamic State of Iraq and Syria - ISIS* ocupando regiões do país e fomentando ainda mais conflitos sectários (Lynch 2016, posição 245).

Como consequência destes eventos, a comunidade internacional depara-se atualmente com uma das maiores crises humanitárias desde a Segunda Guerra Mundial (UNHCR 2016; 2017, 6-7). De acordo com o projeto Syrian Refugees, do Centro de Políticas Migratórias do *European University Institute in Florence*, estima-se que 11 milhões de sírios têm sido forçados a deixarem suas casas desde o início da Guerra Civil, havendo atualmente cerca de 13,5 milhões de pessoas necessitando de assistência humanitária dentro do país. Dentre estes que escaparam do conflito, a maioria buscou abrigo em países próximos à Síria ou em outras regiões do próprio país. Quanto aos refugiados, cerca de um milhão deles buscaram refúgio na Europa, a maioria na Alemanha, com aproximadamente 300.000 solicitações; seguida da Suíça, com 100.000, sendo os dois principais países acolhedores da União Europeia (European University Institute 2017).

Os EUA, por sua vez, desde o início do conflito, em 2011, até 2016, haviam recebido apenas cerca de 12.000 refugiados (Connor 2016). A tendência, porém, tem sido que não receba um número maior do que esse nos próximos anos, uma vez que ao assumir a presidência, em janeiro de 2017, Donald Trump, assinou uma Ordem Executiva que suspendeu, por tempo

indeterminado, o recebimento de refugiados sírios (White House 2017). As razões disso, no entanto, serão discutidas no decorrer do texto. Antes, faz-se necessário conceituar o que é refugiado e analisar se os sírios de fato podem ser encaixados nessa categoria.

De acordo com o Artigo 1 A (2) da Convenção de Genebra de 1951, um refugiado é qualquer pessoa que

[...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência [sic] de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.

Os sírios, portanto, enquadram-se na definição da Convenção pelo fato de se encontrarem fora do seu país de nacionalidade em virtude de um determinado temor de perseguição e, por isso, não podem voltar nem contar com a proteção do seu país de origem. Como salienta Andrade (2011), eles podem ser considerados como refugiados em virtude de perseguição por pertencimento a grupo social ou por opinião política (Andrade 2011, 123-124).

Logo, por se enquadrarem no status de refugiados, os sírios passam a receber proteção do ACNUR e, são autorizados a entrar nos países signatários da Convenção de 1951 e lá permanecerem com o estatuto de refugiados.

Pacífico (2014, 113) ressalta que os refugiados podem ser considerados uma elite no sentido de proteção aos direitos humanos, principalmente pelo fato de serem protegidos por um regime internacional pronto e acabado, tendo o ACNUR como instituição internacional e a Convenção de Genebra de 1951 como tratado vinculante. Soma-se a isso a existência de uma série de normas específicas de proteção tanto nos âmbitos regional como nacional, a exemplo do sistema americano, o africano e o europeu. A existência de todos esses mecanismos de proteção aos refugiados, no entanto, não tem trazido grandes garantias aos sírios, uma vez que a maioria dos países que os abrigam – Jordânia, Líbano, Turquia, Iraque e Egito – não são signatários da Convenção de 1951, o que limita de modo significativo a atuação do ACNUR e a possibilidade de permanência e integração dos refugiados às sociedades nacionais, apesar de na maioria dos casos disporem de elementos sociais comuns, como língua e religião.

Outros países, no entanto, embora signatários da Convenção, têm posto obstáculos ao recebimento e reassentamento de sírios, a exemplo dos EUA.

A recusa estadunidense em receber refugiados sírios

Os EUA criaram a sua primeira lei sobre refugiados durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de reassentar europeus que fugiam das perseguições oriundas do conflito. Desse modo, como ressalta o American Immigration Council, os EUA tornaram-se o país que mais reassenta refugiados no mundo. Após a Guerra do Vietnã, findada em 1975, com a experiência de reassentar refugiados indochineses, o Congresso adotou o Refugee Act of 1980, uma lei que incorpora ao Direito estadunidense o conceito de refugiado de acordo com a Convenção de 1951, fornecendo base para o Programa Estadunidense de Admissão de Refugiados (American Immigration Council, 1).

Enquadram-se nesse programa indivíduos que já possuem o status de refugiado e encontram-se em um outro país que não o seu de origem, os quais passam por um rígido processo de triagem que pode chegar a até dois anos de duração, passando por todas as agências de segurança dos EUA. O objetivo é assegurar que os indivíduos realmente se enquadram no conceito de refugiado e que não oferecem riscos à segurança nacional (American Immigration Council, 2).

Com base nesse programa de reassentamento, a cada ano, o presidente dos EUA, juntamente com o Congresso, determina a cota de refugiados a serem admitidos. No ano fiscal de 2016, essa cota foi de 85.000 indivíduos (American Immigration Council, 1), dentre os quais, segundo o Presidente Barack Obama, 10.000 seriam sírios. Após os atentados terroristas de Paris em 13 de novembro de 2015, no entanto, o Congresso vetou os planos de Obama (Guly 2015). Além disso, mais da metade dos governadores estadunidenses expressaram que não reassentariam nenhum refugiado sírio (Fantz e Brumfield 2015). Ainda assim, o presidente Obama conseguiu atingir a sua meta e os EUA receberam em 2016 mais de 10.000 sírios (White House 2016).

Em consequência disso, ao assumir a presidência, em janeiro de 2017, Trump anunciou que a cota de refugiados para o ano fiscal de 2017 seria de 50.000, excluindo os sírios e priorizando minorias vítimas de perseguição religiosa em seus países de origem. Além disso, o decreto assinado pelo novo presidente, também suspendeu o programa de acolhimento de refugiados por um período de 120 dias, contando a partir de 27 de janeiro de 2017. O objetivo dessa suspensão foi reforçar medidas de segurança nacional, que visam tornar o processo de triagem de refugiados ainda mais rígido (White House 2017).

De acordo com Carlier (2016), a recusa dos EUA em receber refu-

giados sírios pode ser compreendida com base em quatro fatores: 1) a falta de políticas multiculturais e de integração dos migrantes; 2) o aumento da islamofobia; 3) o número de atentados terroristas ocorridos no país desde o 11 de setembro de 2001; e 4) a polaridade do sistema político (Carlier 2016, 57). Neste artigo defende-se a hipótese de que, dentre esses fatores, o terceiro é o mais influente, sendo o segundo uma consequência direta dele. Logo, os fatores não se excluem, pelo contrário, são simultâneos.

Como ressalta Desilvier (2015), historicamente, a sociedade estadunidense é resistente ao recebimento de grandes massas de estrangeiros fugindo de guerras e perseguições, independentemente da política oficial adotada pelo governo. O que se manifestou ao longo da História por meio da oposição ao reassentamento de judeus, húngaros, vietnamitas e cubanos (Desilvier 2015). Mais recentemente, essa oposição tem sido aos sírios. De acordo com o Boomerang Politics (2015), após os atentados de Paris em 2015, cerca de 53% dos estadunidenses são contrários ao reassentamento de sírios nos EUA; 11% aceitariam apenas refugiados sírios cristãos e 28% apoiariam a proposta inicial de Obama de reassentar 10.000 sírios independentemente da afiliação religiosa (Talev 2015). Segundo o *Pew Research Center* (2015), no entanto, antes dos atentados, 51% dos estadunidenses eram favoráveis à decisão do presidente, enquanto que 41% a reprovavam (Pew Research Center 2015).

Degree of Islamophobia, or prejudice against Islam or Muslims, is another relevant factor in evaluating the responses to the Syrian refugee crisis, as the majority of Syrian refugees are Muslim (“Defining Islamophobia”, n.d.; Kiely et al, 2015). Common defenses to delaying or banning Syrian refugee resettlement have to do with fears of Islamic extremists slipping through the refugee vetting process since ISIS began to occupy large portions of Syria (BBC News 2015). This fear has increased after the Paris attacks in part because a Syrian passport was found near the body of the attackers, although authorities are almost certain the passport is a fake (Tharoor 2015b) (Carlier 2016, 54).

De acordo com o *Pew Research Center*, os estadunidenses veem os muçulmanos de forma menos favorável do que qualquer outro grupo religioso e que os Republicanos têm uma visão ainda mais negativa do que os Democratas (Pew Research Center 2015). Uma pesquisa realizada em 2015 aponta que 55% dos estadunidenses têm uma visão bastante desfavorável do Islã (Kaleem 2015, 65).

As causas para essa percepção acerca dos muçulmanos por parte da sociedade estadunidense advêm, sobretudo, da incidência de atentados terroristas cometidos por radicais islâmicos em território estadunidense desde

a queda do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, pela Al-Qaeda. Gutowski (2015) ressalta que segundo o *Washington Free Beacon*, foram seis atentados, incluindo os bombardeios na maratona de Boston e os tiros em San Bernardino. Os ataques contados incluem os que foram motivados pelo radicalismo islâmico e teve pelo menos uma morte (Gutowski 2015). Estima-se que no total 3.016 estadunidenses foram mortos. Ainda não se sabe ao certo o número de feridos do atentado do 11 de setembro, porém, o total dos demais ataques ocorridos em solo estadunidense é de 290 feridos (CNN Library 2016).

Faz-se necessário destacar, no entanto, que nessa soma não está incluído o atentado de Orlando, em junho de 2016, quando um homem afegão nascido nos EUA, após jurar lealdade ao ISIS, abriu fogo em uma boate gay. O atentado foi considerado o pior desde o 11 de Setembro e matou 49 pessoas, deixando cerca de 53 feridos (CNN 2016). Considerando esse ataque, o número de estadunidenses mortos em atentados terroristas com motivação islâmica aumenta de 3.016 para 3.065, já o número de feridos, aumenta de 290 para 343 pessoas.

Assim, como infere Carlier (2016), devido à grande incidência de terrorismo islâmico nos EUA, há uma tendência entre o governo e a população civil de maior temor à ocorrência de atentados terroristas futuros, sobretudo de autoria do ISIS e outros extremistas islâmicos (Carlier 2016, 67). Embora haja vários fatores que contribuam para a recusa de refugiados sírios, essa é uma das causas para isso; uma vez que muitos estadunidenses receiam que militantes do ISIS se infiltrem no sistema de refugiados, fingindo ser refugiados sírios. Este temor, no entanto, é questionável, uma vez que qualquer refugiado, antes de entrar dos EUA, passa por um rigoroso processo de triagem, o qual, como afirmado, pode durar de um ano e meio até dois anos (Bauman, Soerens e Smeir 2016, 76-7). Além disso, nenhum dos atentados realizados em solo estadunidense teve a autoria de um refugiado, demonstrando que é mais fácil um extremista islâmico entrar no país com visto de turista do que como refugiado (Mathias 2017). Desse modo, pode-se inferir que a grande incidência de atentados terroristas juntamente com a falta de conhecimento por parte da população acerca do processo de recebimento de refugiados nos EUA é o que leva os estadunidenses a se oporem ao reassentamento de refugiados sírios (Carlier 2016, 67).

Todos esses fatos, portanto, corroboram para que a hipótese defendida seja contemplada e para que se vislumbre um norte explicativo, segundo a qual o temor aos refugiados sírios seria uma variável derivada dos traumas causados pelo extremismo islâmico. Isso posto, analisa-se se esse fenômeno pode ou não ser classificado como Orientalismo, segundo o conceito elabo-

rado por Said (1990). Para isso, no entanto, faz-se necessário primeiro compreender o impacto que a ideia do “Choque de Civilizações” tem exercido na sociedade estadunidense (Huntington 1993; 1996).

Entre o Choque de Civilizações e o Orientalismo

Após os atentados terroristas do 11 de Setembro popularizou-se nos EUA, e no Ocidente em geral, a teoria do “Choque de Civilizações” defendida pelo cientista político americano Samuel P. Huntington em um artigo publicado inicialmente em 1993 na revista *Foreign Affairs* e ampliado em 1996 no livro *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Segundo o autor, no cenário pós-Guerra Fria, os conflitos não mais seriam motivados por questões de ordem ideológica ou econômica, mas sim por questões culturais e religiosas. Emergiria uma nova ordem mundial na qual os Estados, embora continuassem sendo os atores centrais das relações internacionais, os conflitos seriam, em sua essência, entre grupos pertencentes a diferentes civilizações (Huntington 1993, 23).

Huntington ressalta, no entanto, que um dos principais choques de civilizações se dá na linha de fratura entre o Ocidente e as civilizações islâmicas, um conflito antigo que teve início junto com o surgimento do Islã e começou a se intensificar ainda mais no final do século XX (Huntington 1993, 32). Em seu livro, publicado em 1997, ele afirma que “As fronteiras do Islã são sangrentas” e que há provas de que os muçulmanos travaram mais guerras do que indivíduos de qualquer outra civilização (Huntington 1997, 328).

Como destaca Smaili (2015), essa visão de que o Oriente, e em particular os países árabes e muçulmanos, eram os responsáveis por violência e terror e estavam declarando guerra ao Ocidente passou a ser difundida por todo o mundo globalizado. Segundo ela, o 11 de Setembro serviria para mostrar ao mundo que o choque de civilizações é algo iminente e que, por isso, o Oriente Médio deveria ser indiscriminadamente ocupado e dominado. Dessa maneira, culturas milenares do Oriente passaram a ser relativizadas e reduzidas, ficando restritas apenas ao elemento religioso, sobretudo às diferenças entre o Islã e o Ocidente. Isso corroborou ainda mais para o fomento de uma visão estereotipada do árabe e do muçulmano como não-civilizados (Smaili 2015, 146).

Logo, seria essa concepção reducionista do Oriente Médio e dos muçulmanos que justificaria, por exemplo, a invasão do Iraque em 2003 por tropas estadunidenses e britânicas, em nome da “Guerra do Terror”, a fim de derrubar o governo autocrático de Saddam Hussein e estabelecer uma de-

mocracia na região. Seria também essa mesma concepção o que leva grande parte da sociedade estadunidense a se opor, hoje, ao reassentamento de refugiados sírios, em sua maioria muçulmanos.

É à essa construção social que o intelectual palestino Edward Said se referiu, inicialmente em 1978, como “Orientalismo”, que seria uma instituição criada pelo Ocidente para negociar com o Oriente, sendo basicamente um estilo de dominação ocidental que busca dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (Said 1990, 14).

Como ressalta Demant (2004), seria uma estrutura ocidental de conhecimento como forma de poder que visa retratar o Oriente, e sobretudo o mundo muçulmano, de forma inverossímil e hostil, a fim de manter um projeto de dominação que persiste mesmo após a independência formal dos países muçulmanos (Demant 2004, 336).

Said vai além e elenca quatro dogmas que constituem o Orientalismo: 1) a diferença absoluta e sistemática entre o Ocidente enquanto superior e o Oriente enquanto inferior; 2) preferência por abstrações sobre o Oriente baseadas em textos religiosos em detrimento da realidade oriental moderna; 3) a concepção de que o Oriente é eterno, uniforme e incapaz de se auto definir; e 4) a visão do Oriente como algo a ser temido ou controlado (Said 1990, 305).

Dentre esses dogmas, pode-se observar como pelo menos dois deles auxiliam na construção de proto-respostas à problemática deste artigo: a preferência pelos textos sagrados como definição do Oriente ao invés da experiência moderna da região e a visão do Oriente como algo a ser sempre temido. Ainda assim, não é possível afirmar que a recusa em receber refugiados sírios seria uma forma de exercer controle e dominação sobre o Oriente, como sugere a ideia de Orientalismo *Saidiano*.

Ambos os dogmas se manifestam, como descrito, na visão desfavorável da maioria dos estadunidenses ao Islã. Essa percepção é consequência, principalmente, dos atentados terroristas cometidos em nome do Islã. Porém, foi sugerida bem antes deles, em 1990, quando Lewis defendeu a ideia de que o conflito entre o Islã e o Ocidente advém da fundação da religião, com seus ideais de *jiha*d – guerra santa – e repúdio aos valores ocidentais. Sendo, portanto, um conflito iniciado pelo próprio Oriente e não pelo Ocidente. É com base nessa premissa que surge a expressão “choque de civilizações”, respaldando a obra de Huntington (Dias 2008, 23).

Lewis, segundo Demant (2004), da escola internalista de estudo do Islã, vê no Islã a causa central do subdesenvolvimento dos países do Oriente Médio e da falta de democracia, prevendo ainda mais conflitos entre o Islã e o Ocidente. Essa visão, no entanto, é contraposta pela escola externalista,

que considera essa visão do Islã bastante reducionista e aponta para fatores externos, a exemplo das intervenções ocidentais, como as causas da violência perpetrada pelos muçulmanos. Said é um dos principais expoentes dessa escola e, por isso, um dos maiores críticos de Huntington e Lewis (Demant 2004, 335-336).

Este artigo, por sua vez, defende que, além do internalismo de Lewis e Huntington e do externalismo de Said, é possível haver uma terceira alternativa com relação as causas da animosidade entre o Ocidente e o Islã, sugerindo ser necessário considerar o potencial religioso do Islã de legitimar e até incitar a violência e os impactos negativos do imperialismo e das intervenções ocidentais no Oriente Médio. Um exemplo disso seria o próprio surgimento do ISIS, uma vez que o grupo apesar de se utilizar de elementos islâmicos para justificar a sua atuação, é fruto da invasão dos EUA no Iraque (Brancoli e Grinsztajn 2016, 307-8).

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer que os atentados terroristas e a ação de grupos como o ISIS, reificam apenas as posturas de Lewis e Huntington. Isso ocorre, por exemplo, na utilização, por parte do grupo, de textos do Alcorão como pretexto para perseguir cristãos e outras minorias religiosas no Iraque. Um desses textos utilizados pelo grupo é a Surata 9:29 do livro sagrado islâmico, o qual afirma:

Combatei aqueles que não creem em Allah e no Dia do Juízo Final, nem se abstêm do que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que paguem de bom grado a Jizya (taxa ou tributo pago pelos não-muçulmanos dentro do Estado Islâmico) e se sintam submissos (Alcorão, Surata 9.29).

Ao conquistar a cidade iraquiana de Mossul, em junho de 2014, o ISIS fez exatamente isso, ao obrigar que os cristãos pagassem impostos, se convertessem ao Islã, deixassem suas casas ou fossem mortos (Mitchell 2015, posição 855). Isso fortalece ainda mais a retórica da existência de um choque de civilizações entre o Ocidente cristão e o Oriente Médio islâmico, levando muitos a agirem de modo orientalista, segundo as premissas de Said, comprimindo toda uma coletividade de muçulmanos em uma massa única, tomando como padrão as ações de um ator específico e textos sagrados de uma cultura milenar.

Apesar disso, contudo, não é possível inferir que todo muçulmano e, especialmente, os refugiados sírios são terroristas em potencial. Isso pode ser percebido na própria visão deles acerca do ISIS. Como ressalta Poushter (2015), em pesquisa do *Pew Research Center* (2015) em 11 países de maioria is-

lâmica, da Nigéria a Jordânia e Indonésia, grande parte dos muçulmanos são contrários às ações do ISIS. Nos países árabes onde se encontram atualmente grande parte dos refugiados sírios que poderiam ser acolhidos nos EUA, a rejeição ao ISIS é quase que unânime. No Líbano, onde já ocorreram atentados do ISIS, 99% dos entrevistados afirmaram ter uma opinião bastante desfavorável ao grupo. Na Jordânia, a oposição é de 94% (Poshter 2015).

Logo, por mais que o Alcorão possua textos que claramente legitimem a violência e haja grupos islâmicos que se utilizem deles para assim agir, isso não justifica o temor de que todos os refugiados sírios de fé islâmica são terroristas em potencial. Crer assim é ignorar a realidade de milhares de muçulmanos ao redor do mundo e, inclusive, de grande parte dos sírios, muitos dos quais foram forçados a fugir dos horrores cometidos pelo próprio ISIS. Desse modo, diante da atual crise humanitária de refugiados, torna-se imperativo a adoção de medidas que visem de fato combater o extremismo islâmico, mas sem, com isso, generalizar e criminalizar todos os muçulmanos, o que poderia acontecer se o acolhimento de refugiados passasse a ser vistos não como uma ameaça, mas como uma forma de manter a segurança nacional.

A proteção aos refugiados como medida de segurança nacional

Apesar da resistência da sociedade estadunidense ao reassentamento de refugiados sírios e do temor à entrada de refugiados muçulmanos, de acordo com o *Pew Research Center* (2016), 2016 foi o ano fiscal no qual os EUA mais receberam refugiados muçulmanos, desde 2006 quando um grande número de somalis entrou no país. No total, dos aproximadamente 85.000 refugiados recebidos, quase metade deles (46%), 38.901, eram muçulmanos. Dentre o número total de refugiados, 12.486 eram sírios; 9.012 somalis; 7.853 iraquianos; 3.145 birmaneses; 2.664 afegãos; e 3.741 de outras nacionalidades (Connor 2016; Homeland Security 2016).

Logo, o presidente Obama não somente conseguiu cumprir a sua meta de assentar 10.000 refugiados sírios como ainda a excedeu, recebendo 12.587 pessoas. Ainda, segundo Connor (2016), 99% deles eram muçulmanos e menos de 1% cristãos. De acordo com o autor, isso se deu devido à distribuição religiosa da demografia síria, que em 2010 era composta 93% por muçulmanos e 5% por cristãos (Connor 2016). No entanto, outros experts sugerem que a verdadeira causa dessa desproporcionalidade é o fato de que os sírios que entram nos EUA como refugiados advêm de campos na Jordânia administrados pela ONU, onde não há nenhum cristão, os quais afirmam

sofrer nos campos as mais variadas formas de perseguição religiosa, desde estupros até sequestros (Abrmas 2016). Em reação a isso, como ressaltado, a Ordem Executiva assinada por Trump em 27 de janeiro de 2017 é clara: além de suspender o recebimento de refugiados sírios pelos próximos 120 dias, também prioriza as minorias religiosas, dentre elas, os cristãos.

As ações de Trump reforçam ainda mais a hipótese aqui defendida de que os atentados terroristas cometidos por radicais islâmicos nos EUA contribuem de modo direto para a criminalização de árabes e muçulmanos, sobretudo os que se encaixam na situação de refugiados, como os sírios. Esse sentimento, no entanto, tem sido ainda mais exacerbado pelo fato de que organizações *jihadistas* como o ISIS controlam atualmente os principais pontos de travessia de fronteiras nas rotas migratórias para a Europa (Napoleoni 2016, 235). Além disso, de acordo com relatórios da *Quilliam Foundation*, um *think-tank* britânico, o ISIS também tem atuado em campos de refugiados no Líbano e Jordânia, tentando radicalizar jovens e menores desacompanhados para realizar atentados terroristas na Europa (Osborne 2017).

Destarte, convém reiterar uma vez mais a rigurosidade e eficácia do atual sistema estadunidense de reassentamento de refugiados, fato que torna a medida de Trump de excluir os refugiados sírios por tempo indeterminado algo desnecessário e que, ao invés de garantir a segurança nacional, pode na verdade, gerar ainda mais insegurança no âmbito internacional. Tal percepção, sustenta-se no raciocínio de que manter um grande número de refugiados sírios em campos no Oriente Médio, sem infraestrutura e sem qualquer tipo de apoio, contribui para que mais jovens tornem-se alvo da propaganda *jihadista* do ISIS e mais refugiados tomem as rotas controladas pelo grupo rumo a Europa, gerando uma receita que pode ser maior do que a obtida com a venda de petróleo pelos *jihadistas* (Napoleoni 2016, 236).

Moniz Bandeira (2017) também chama a atenção para esse fato, ressaltando que após a remoção de Gaddafi, em 2011, o ISIS penetrou na Líbia e passou a ocupar territórios extensos no país, utilizando-se do tráfico de refugiados como um meio para contrabandear armas para Síria, Iraque, Iêmen e Faixa de Gaza (Moniz Bandeira 2017, 163-4). Além disso, comparar refugiados a terroristas é corroborar a narrativa do ISIS e facilitar a sua estratégia.

É possível, portanto, inferir que o mesmo pode ser aplicado aos EUA, uma vez que o país, juntamente com a Europa constituem os maiores inimigos do ISIS. Logo, receber refugiados e integrá-los à sociedade seria uma medida eficaz de combate ao terrorismo, uma vez que isso comprometeria a narrativa dos *jihadistas* de que a guerra é necessária para criar um local onde os muçulmanos não mais serão discriminados em virtude de sua fé.

Para que isso ocorra, no entanto, deve-se conscientizar a sociedade

estadunidense acerca dos ganhos políticos, econômicos e culturais que os refugiados podem trazer, desconstruindo a imagem de que todo árabe e muçulmano é terrorista, quando muitos, na verdade, são tão vítimas do terrorismo como os EUA já o foram.

A desconstrução desses preconceitos, no entanto, não é uma tarefa exclusiva do governo e da sociedade estadunidense, mas também dos próprios árabes e muçulmanos. Para Memmi (2007), os muçulmanos integristas em sua luta contra o imperialismo ocidental fizeram uso do terrorismo como forma de resistência, gerando desconfiança contra todos os árabes e mais ressentimento contra o Ocidente. Porém, cabe aos demais árabes muçulmanos desconstruírem essas percepções, não desejando viver em simbiose com o Ocidente, ao mesmo tempo em que são indulgentes àqueles que querem destruí-lo. Nas palavras do autor, “[o] destino normal e desejável de todo imigrante é transformar-se em simples cidadão, contanto que não apareça como um inimigo de seu país de acolhimento” (Memmi 2007, 181). Cabe aos muçulmanos, sobretudo aos refugiados reassentados no Ocidente, condenar as ações de grupos como o ISIS e buscar integrar-se aos costumes locais. É necessário, portanto, desconstruir, no Ocidente e no Oriente Médio a noção de um choque de civilizações violento e inevitável.

Por fim, seria de suma importância que o Presidente Trump repensasse a sua política para refugiados e continuasse com o reassentamento de refugiados sírios, aumentando sua cota nos próximos anos fiscais. Segundo o ACNUR (2017), seis em cada dez sírios foram forçados a deixar suas casas, havendo hoje no mundo cerca de 12,5 milhões de deslocados sírios, entre refugiados, deslocados internos e solicitantes de refúgio (ACNUR 2017, 6). Como ressaltam Arar, Hintz e Norman (2016), embora a mídia, ultimamente, tenha focado na situação dos deslocados sírios que se encontram na Europa, o número de sírios deslocados internamente e em nações vizinhas é muito maior do que no continente europeu. Em meados de 2016, cerca de 4,8 milhões de refugiados sírios estavam vivendo em países vizinhos a Síria, com aproximadamente quatro a cada dez refugiados residindo na Turquia, Líbano, Jordânia, Egito ou Iraque (Arar, Hintz e Norman 2016). Menos de um a cada dez refugiados sírios se encontram hoje na Europa e como já ressaltado, apenas pouco mais de 10.000 sírios foram reassentados nos EUA (Connor e Krogstad 2016).

Desse modo, comparando as condições políticas e econômicas dos EUA com os países mencionados e os interesses estratégicos estadunidenses no Oriente Médio, torna-se imperativo que os EUA atuem de modo mais efetivo na proteção dos refugiados. O que deve ocorrer não apenas por uma questão de segurança nacional, mas sobretudo por uma questão de segurança

humana. Agir dessa maneira é a melhor forma de desconstruir o Orientalismo e, ao mesmo tempo, evitar o “Choque de Civilizações”.

Considerações finais

No artigo que ora se encerra, procurou-se demonstrar que os sírios que fogem da Guerra Civil Síria e das ações do ISIS possuem um temor bem fundamentado de perseguição e, por isso, são refugiados convencionais. Isso pôde ser verificado pelo próprio governo dos EUA, que apesar de seu longo processo de triagem antes de receber qualquer refugiado, acolheu, em 2016, mais de 10.000 sírios. A eficácia do programa de refugiados estadunidense no sentido da segurança nacional tem sido comprovada pelo fato de que até o presente momento, nenhum terrorista conseguiu entrar no país na condição de refugiado.

Soma-se a isso, o fato de que todos os atentados terroristas cometidos no país, nenhum foi cometido por um nacional sírio. Isso contraria a Ordem Executiva assinada pelo Presidente Trump em janeiro de 2017, a qual suspende o reassentamento de refugiados sírios por tempo indeterminado. A justificativa para isso, segundo Trump, seria evitar que terroristas estrangeiros entrassem no país, tendo em vista o atentado do 11 de setembro. Entretanto, nenhum dos 19 responsáveis pelo ataque eram sírios, sendo em sua maioria nacionais do Egito e Arábia Saudita, dois aliados históricos dos EUA no Oriente Médio e com os quais, a Administração Trump tem estreitado cada vez mais relações, inclusive concedendo visto de turismo aos cidadãos desses países.

Além disso, verificou-se também que os refugiados sírios constituem hoje um contingente bastante expressivo do grande número atual de deslocados forçados ao redor do mundo. De acordo com o ACNUR, dentre as 65,6 milhões de pessoas forçadas a deixarem suas casas em 2016, 5,5 milhões dela são refugiados sírios (UNHCR 2017, 2-3). Essa situação, como demonstrado ao longo do trabalho, exige uma responsabilidade de toda a comunidade internacional, sobretudo dos Estados signatários da Convenção de Genebra de 1951 relativa ao status de refugiados. Isso se aplica inclusive aos EUA, que além de ser uma das maiores potências do cenário internacional contemporâneo, também faz parte do regime internacional de proteção aos refugiados.

Isso posto, verifica-se a hipótese levantada no início do trabalho de que a recusa dos EUA em acolher refugiados sírios se dá principalmente em virtude de traumas relacionados aos árabes e muçulmanos, bem como a preocupações de segurança nacional. A islamofobia na sociedade estadunidense

seria, portanto, uma consequência direta do aumento de atentados terroristas realizados por extremistas islâmicos. Isso foi visto com base na análise de dados secundários acerca da percepção da sociedade estadunidense com relação aos muçulmanos e refugiados sírios, bem como por parte do governo, o qual reforça um nexos causal inexistente entre a proteção aos refugiados sírios e o aumento de atentados terroristas.

Verifica-se também que o livro sagrado do Islã possui trechos violentos que são utilizados por grupos terroristas como o ISIS para justificar as suas ações e que isso, juntamente com os atentados, de fato, reverbera a ideia de um choque de civilizações na sociedade estadunidense. Entretanto, como foi demonstrado, generalizar acerca de todos os sírios com base apenas nisso é uma das premissas daquilo que Said nomeia de Orientalismo, embora, nesse caso específico, não chegue ao ponto de ser uma tentativa de colonizar e exercer controle sobre o Oriente Médio, seja por interesses políticos e econômicos ou simplesmente por medo do desconhecido.

Conclui-se, portanto, que é imperativo debater essas ideias. Os muçulmanos sírios são uma das principais vítimas das ações do ISIS e por isso, recebê-los nos EUA, seria uma das formas de combater a ideologia propagada pelo grupo. Isso poderia ser feito por meio uma política de refugiados que ao invés de proibir a entrada de sírios, fortalecesse o processo de triagem e buscase integrar os sírios à sociedade estadunidense.

Uma política como essa traria inúmeros benefícios tanto para o Ocidente como para o Oriente Médio, pondo fim a séculos de conflitos entre as duas regiões do mundo. Para que essa desconstrução ocorra, no entanto, é necessário um esforço mútuo tanto por parte da sociedade estadunidense como dos próprios refugiados árabes muçulmanos. Do mesmo modo que os estadunidenses precisam ser capazes de enxergar os sírios primeiramente como indivíduos que assim como eles, estão em busca de estabilidade e segurança, os refugiados sírios precisam continuar a demonstrar a sua disposição em se integrar às comunidades que os acolhem e a condenar o terrorismo islâmico.

A longo prazo, no entanto, os fatos parecem não contribuir para que isso aconteça e o medo do terrorismo tende a fortalecer ainda mais a narrativa do choque de civilizações e a oposição ao reassentamento de refugiados sírios nos EUA, sobretudo após no governo de Donald Trump.

REFERÊNCIAS

- Abrams, Elliott. 2016. "The U.S. Bars Christian, Not Muslim, Refugees from Syria". *Newsweek*. <http://www.newsweek.com/us-bars-christian-not-muslim-refugees-syria-497494>. Accessed on March 3, 2017.
- Alcorão Sagrado. *Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado*. São Paulo, Conselho Superior dos Teólogos e Assuntos Islâmicos do Brasil.
- American Immigration Council. *An Overview of U.S. Refugee Policy*, 2015. Available from: <http://www.immigrationpolicy.org/just-facts/refugees-fact-sheet>. Accessed on January 25, 2017.
- Andrade, George Bronzeado de. 2011. "Guerra Civil Síria e a condição dos refugiados: um antigo problema, 'reinventado' pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional". *Revista de Estudos Internacionais* 2 (2).
- Arar, Rawan, Lisel Hintz and Kelsey P. Norman. 2016. "The real refugee crisis is in the Middle East, not Europe". *The Washington Post*. https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/05/14/the-real-refugee-crisis-is-in-the-middle-east-not-europe/?utm_term=.3e17b5597776. Accessed on April 06, 2018.
- Bauman, Stephan, Matthews Soerens and Issam Smeir. 2016. *Seeking Refuge: On the Shores of the Global Refugee Crisis*. Illinois: Moody Publishers, 2016. Kindle Edition.
- Brancoli, Fernando, and Carolina Grinsztajn. 2016. "Islã político e mitos de transnacionalidade: narrativas sobre a irmandade muçulmana no Egito e o Estado Islâmico". In *Religião e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do Cristianismo e do Islã*, by Anna Carletti and Marcos Alan S.V. Ferreira. Curitiba: Juruá Editora.
- Carlier, Melissa. 2016. "Explaining Differences in the Canadian and American Response to the Syrian Refugee Crisis". *Virginia Policy Review*, 9(2), 56-74.
- CNN. *Orlando shooting: 49 killed, shooter pledged ISIS allegiance*. June 13, 2016. Available from: <http://edition.cnn.com/2016/06/12/us/orlando-nightclub-shooting/>. Accessed on January 25, 2017.
- CNN Library. *September 11, 2001: Background and timeline of the attacks*. September 08, 2016. Available from: <http://edition.cnn.com/2013/07/27/us/september-11-anniversary-fast-facts/index.html>. Accessed on July 04, 2017.
- Connor, Phillip. 2016. "U.S. admits record number of Muslim refugees in

- 2016". *Pew Research Center*. Available from: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/10/05/u-s-admits-record-number-of-muslim-refugees-in-2016/>. Accessed on January 25, 2017.
- Connor, Phillip, and Jens Manuel Krogstad. 2016. "Key facts about the world's refugees". *Pew Research Center*. Available from: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/10/05/key-facts-about-the-worlds-refugees/>. Accessed on January 25, 2017.
- Demant, Peter. 2004. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Editora Contexto.
- Desilver, D. 2015. "U.S. public seldom has welcomed refugees into country". *Pew Research Center*. Available from: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/11/19/u-s-public-seldom-has-welcomed-refugees-into-country/>. Accessed on January 25, 2017.
- Dias, Tatiana Silva de Almeida. 2008. "O Choque de Civilizações na Política Internacional Contemporânea". *Course Completion Work (Specialization)*, Universidade de Brasília.
- European University Institute. *Syrian Refugees: a snapshot of the crisis – in the Middle East and Europe*. Available from: <http://syrianrefugees.eu/>. Accessed on January 25, 2017.
- Fantz, A., and B. Brumfield. *Syrian Refugees not welcome in 31 U.S. states*. November 29, 2015. Available from: <http://edition.cnn.com/2015/11/16/world/paris-attacks-syrian-refugees-backlash/>. Accessed on January 25, 2017.
- Guly, C. "Canada plans to resettle 25,000 Syrian refugees by the end of February". November 24, 2015. *Los Angeles Times*. Available from: <http://www.latimes.com/world/mexico-americas/la-fg-canada-refugees-20151124-story.html>. Accessed on January 25, 2017.
- Gutowski, Stephen. 2015. "There Have Been Six Successful Acts of Islamic Terrorism on American Soil Since 9/11". *The Washington Free Beacon*. Available from: <http://freebeacon.com/issues/there-have-been-six-successful-acts-of-islamic-terrorism-on-american-soil-since-911/>. Accessed on July 04, 2017.
- Hanafi, Sari. 2014. "Forced Migration in the Middle East and North Africa". *The Oxford Handbook of Refugee and Forced Migration Studies*. Oxford: Oxford University Press, 444-55.
- Homeland Security. 2016. *Table 14. Refugee Arrivals By Region And Country Of Nationality: Fiscal Years 2014 To 2016*. Available from: <https://www.dhs.gov/immigration-statistics/yearbook/2016/table14>. Accessed on May 15, 2018.

- Huntington, Samuel P. 1993. "The Clash of Civilizations?". *Foreign Affairs* 72, 3, 22-49.
- _____. 1997. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kaleem, J. *More than half of Americans have unfavorable view of Islam, poll finds*. April 10, 2015. Available from: http://www.huffingtonpost.com/2015/04/10/americans-islam-poll_n_7036574.html. Accessed on January 25, 2017.
- Lynch, Marc. 2016. *The New Arab Wars: Uprisings and anarchy in the Middle East*. New York: Public Affairs. Kindle Edition.
- Magalhães, Patrícia Santos. 2016. "A União Europeia e a segurança humana – o caso dos refugiados sírios". Master's thesis, Universidade do Minho.
- Mathias, Christopher. "There Have Been No Fatal Terror Attacks in The U.S. By Immigrants from the 7 Banned Muslim Countries". *HuffPost*. January 28, 2017. Available from: http://www.huffpostbrasil.com/entry/no-terror-attacks-muslim-ban-7-countries-trump_us_588b5a1fe4b0230ce61b4b93. Accessed on July 04, 2017.
- Memmi, Albert. 2007. *Retrato do Descolonizado Árabe - Muçulmano e de Outros*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Mitchell, Chris. 2015. *Destination Jerusalem*. Forest Hills: C & L Publishing LLC. Kindle edition.
- Moniz Bandeira, Luiz Alberto. 2017. *A Desordem Mundial: o espectro da total dominação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Napoleoni, Loreta. 2016. *Mercadores de Homens: como os jihadistas e o Estado Islâmico transformaram sequestros e o tráfico de refugiados em um negócio bilionário*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Organização das Nações Unidas. *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951*. Available from: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_aa_Estatuto_dos_Refugiados.pdf?view=1. Accessed on May 06, 2015.
- Osborne, Samuel. 2017. "ISIS pay human traffickers for refugee children in 'desperate' attempt to attract more recruits". *Independent*. Available from: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-refugee-children-pay-smugglers-human-traffickers-more-recruits-islamic-state-iraq-syria-terror-a7565016.html>. Accessed on May 03, 2017.
- Pacifico, Andrea Pacheco. 2014. "Direitos Humanos e Migração". In *Fraterni-*

- dade em foco: um ponto de vista político*, by Evangelina M. B. De Faria and M. De Nazaré Zenaide (Org.). João Pessoa: Ideia, 109-38.
- Pew Research Center. *Mixed views of initial U.S. response to Europe's migrant crisis*. September 29, 2015. Available from: <http://www.people-press.org/2015/09/29/mixed-views-of-initial-u-s-response-to-europes-migrant-crisis/2/>. Accessed on January 25, 2017.
- Poushter, Jacob. 2015. "In nations with significant Muslim populations, much disdain for ISIS". *Pew Research Center*. Available from: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/11/17/in-nations-with-significant-muslim-populations-much-disdain-for-isis/>. Accessed on January 25, 2017.
- Said, E. W. 1990. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras.
- Smaili, Soraya S. 2015. "Migrantes, pós-colonialismo e fundamentalismo: enlaces entre Oriente e Ocidente e a questão do Islã". *Psicologia USP* 26, 2, 145-151.
- Talev, Margaret. "Bloomberg Politics Poll: Most Americans Oppose Syrian Refugee Resettlement". *Bloomberg Politics*. November 18, 2015. Available from: <https://www.bloomberg.com/politics/articles/2015-11-18/bloomberg-poll-most-americans-oppose-syrian-refugee-resettlement>. Accessed on January 25, 2015.
- UNHCR. 2016. *Syria conflict at 5 years: the biggest refugee and displacement crisis of our time demands a huge surge in solidarity*. March 15, 2016. Available from: <http://www.unhcr.org/afr/news/press/2016/3/56e6e3249/syria-conflict-5-years-biggest-refugee-displacement-crisis-time-demands.html>. Accessed on July 4, 2017.
- _____. 2017. *Global Trends: Forced Displacement in 2016*. Available at: <http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5943e8a34/global-trends-forced-displacement-2016.html>. Accessed on July 04, 2017.
- White House. *Statement by National Security Advisor Susan E. Rice on Syrian Refugee Admissions*. August 29, 2016. Available from: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/08/29/statement-national-security-advisor-susan-e-rice-syrian-refugee>. Accessed on July 04, 2017.
- _____. *Executive Order: Protecting the Nation from Foreign Terrorist Entry into the United States*. January 27, 2017. Available from: <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/01/27/executive-order-protecting-nation-foreign-terrorist-entry-united-states>. Accessed on March 03, 2017.

RESUMO

Este artigo aborda a política estadunidense, entre 2016 e 2017, de recusa em reassentar refugiados sírios oriundos da Guerra Civil Síria, iniciada em 2011, que tem, por sua vez, forçado milhões de sírios a migrar para países vizinhos ou para o Ocidente. Desse modo, defende-se a hipótese de que os atentados terroristas impetrados por radicais islâmicos nos EUA contribuíram para o aumento de preconceitos e generalizações acerca de árabes e muçulmanos e, por isso, os refugiados sírios seriam concebidos como prováveis ameaças à segurança nacional. A fim de verificá-la, empreendeu-se uma revisão bibliográfica corroborada por alguns dados secundários descritivos acerca da percepção da sociedade estadunidense sobre os refugiados sírios e muçulmanos. Utiliza-se como referencial teórico a obra de Said (1993) sobre o Orientalismo, bem como os escritos de Huntington (1993,1997) sobre o Choque de Civilizações. Por fim, conclui-se que a recusa dos EUA em acolher refugiados sírios dá-se principalmente em virtude de traumas relacionados aos árabes e muçulmanos, bem como a preocupações de segurança nacional, ainda que infundadas.

PALAVRAS-CHAVE

Refugiados, Guerra Civil Síria, Orientalismo.

*Recebido em 24 de maio de 2018.
Aprovado em 04 de julho de 2018.*